

VILÉM FLUSSER

Da ordem.

Há problemas de ordem política, (como o é o dos partidos), outros de ordem poética, (como o é o da rima), e outros de ordem moral, (como o é o da vergonha). As diversas ordens se perturbam mutuamente. Motivos de ordem moral perturbam a ordem política, motivos de ordem política perturbam a ordem poética, e motivos de ordem poética perturbam a ordem moral, (embora exemplos dessa última interferência sejam difíceis a serem apontados). Ordens do tipo das três citadas podem ser estabelecidas, derrubadas e restauradas. Há departamentos executivos que zelam pela ordem política, academias de letras que zelam pela ordem poética, e associações femininas que zelam pela ordem moral, e o termo "zelo" caracteriza bem este tipo de ordem. Há outros tipos de ordem, e estes dispensam de zeladores. Por exemplo a ordem da física e a ordem da biologia. Ordens do primeiro tipo ordenam o que deve ser, (já que dizem que deve haver partidos, ou rimas, ou vergonha). São chamadas "ordens normativas". Ordens do segundo tipo ordenam o que é, e são chamadas "ordens da realidade". É óbvio que a relação entre o dever-ser e o ser é complexa. Deve haver partidos, e os há realmente. Deve haver vergonha, mas há realmente? O conjunto de todas as ordens normativas e de realidade é a ordem do mundo. Dadas as perturbações mutuas entre as ordens, e dada a multiplicidade de ordens, é essa ordem cósmica algo que se assemelha muito ao caos. A não ser que possamos estabelecer uma hierarquia de ordens. Isto "explicaria" o caos. Se a ordem da física fôr postulada como a ordem fundamental, (como o fez o fisicalismo do século 18), o mundo se explica. Se a ordem da economia fôr postulada assim, (como o fez o marxismo do século 19), o mundo se explica também, mas de maneira diferente. No primeira caso tivemos uma explicação a partir do ser, no segundo a partir do dever-ser. Explicações a partir da ordem moral, (religiosas), da ordem poética, (nietzscheanas), da ordem biológica, (bergsonianas), ou da ordem política são igualmente possíveis. Enfim, podemos construir tantas hierarquias de ordens, quantas são as ordens. O mundo é explicável de muitas maneiras.

As explicações atualmente mais acatadas são as explicações científicas, porque partem das diversas ordens da realidade. Essas ordens são tidas como "objetivas", isto é como de alguma forma independentes do explicador do mundo. As preferências subjetivas do físico que explica o mundo são tidas como inócuas para a explicação que nos fornece. Antigamente eram as explicações religiosas as mais acatadas, embora tivessem partido de ordens normativas. É que antigamente as ordens do dever-ser eram tidas como "objetivas", já que reveladas por exemplo em mandamentos divinos. Explicações científicas são existencialmente insignificativas. Não me explicam o que devo fazer, e não me dizem portanto respeito. Por isto continuam sendo fornecidas explicações normativas do mundo, mas, dada a preferência atual por explicações científicas, as explicações normativas vestem máscaras de cientificidade. Este é o cientifismo que caracteriza a atualidade.

Uma explicação que adere estritamente a uma única ordem é satisfatória, porque explica tudo perfeitamente. Traduz, com efeito, tudo que é e que deve ser para a ordem à qual aderiu. Elimina assim o aspecto cáptico do mundo, o qual passa a ser de simplicidade cristalina. Uma explicação que procura abarcar duas ou mais ordens não é satisfatória, porque nada explica. Tudo que é e que deve ser passa a ter pelo menos duas explicações, e o mundo continua confuso. A clareza do mundo está em proporção direta com a pobreza da explicação que o esclarece. Os que vivem em mundos claros vivem em mundos pobres. Mas é óbvio que existem dois opostos ao mundo claro: o mundo confuso por desordenado, e o mundo confuso por ordenado por ordens em conflito. O mundo como amontoado cáptico de instantes, e o mundo como amontoado cáptico de ordens. O mundo claro e ordenado coloca-se entre esses dois extremos. O primeiro extremo é inexplicável, o segundo extremo é explicável em demasia. Estamos no segundo extremo. Mais uma explicação, por satisfatória que seja, nada nos adianta.

A consequência disto é que vivemos saltando da ordem em ordem. Vivemos em oceano arctico, e saltamos de iceberg em iceberg. Toda vivência que temos depende, em sua explicação, do iceberg que ocupamos num dado instante. O ônibus no qual viajamos é explicável ora como transporte coletivo, (iceberg da economia), ora como veículo a motor, (iceberg da tecnologia), ora como produto de um desenvolvimento, (iceberg da história), ora como instrumento da vontade criadora do homem, (iceberg da estética), ora como lugar de angústia, (iceberg da psicologia). Os icebergs tremem, colidem, e se diluem. Não importa. Quando um se desfaz, saltamos para outro. Há uma infinidade de icebergs a perder-se a vista. Estamos em trânsito constante entre os icebergs. Mas aonde está o ônibus, afinal de contas? Eis a pergunta que preocupa a atualidade. É a pergunta que demanda pelo ser e pelo dever-ser do ônibus, enfim do mundo.

A grande diferença entre o século 19 e o século 20 está na formulação dessa pergunta. No centro do interesse do século passado está o ônibus mesmo. No centro do interesse atual estão os icebergs. Qual é o iceberg adequado ao ônibus? perguntava o século 19. Qual é o ônibus adequado a todo iceberg de um dado instante? pergunta o século 20. Em outras palavras: o século 19 procurava por uma explicação adequada ao mundo. O século 20 procura por mundos adequados às explicações formuláveis. Esta transferência de interesse do mundo para a explicação, de coisa para a ordem, ou, (como se diz atualmente), do processo para a estrutura, já foi iniciada por Kant, este pai da atualidade. Mas a consciencialização plena dessa transferência é recente. Trata-se de uma inversão de termos. Não explicamos mais o mundo de maneira adequada, mas lançamos diversas explicações para adequar o mundo a elas. A estrutura do mundo, (a sua "ordem"), não é algo que se nos dá ao encararmos o mundo. O mundo não é um livro a ser lido e interpretado. Mas a estrutura do mundo é algo que damos nós ao vivermos. O mundo é um livro que nós escrevemos.

VILÉM FLUSSER

O conhecimento é tido, em toda história do Ocidente, como adequação do intelecto à coisa. O conhecimento é tido, atualmente, como adequação da "coisa" ao intelecto. Mas não diga o leitor que se trata de uma interpretação "idealista" do conhecimento. Termos como "idealista" e "materialista" não funcionam mais no presente contexto. O fato de ser o ônibus uma função da minha explicação, e de ser ele "coisa" apenas neste sentido, não o transforma em "idealista" no sentido tradicional desse termo. O ônibus é algo que preenche um lugar determinado no campo aberto pela explicação, é portanto uma fase de um processo pelo qual a minha explicação se realiza. Neste sentido o ônibus é "real", e a pergunta qual é essa sua "realidade", se material ou ideal, carece de todo significado. Enfim: o verbo "ser" não se aplica ao ônibus, e deve ser eliminado do nosso discurso. Deve ser substituído pelo verbo "tornar-se". O ônibus torna-se real pela explicação fornecida, e torna-se real de tantas formas, quantas explicações são fornecidas. O ônibus é posterior à explicação, e a explicação é a estrutura da realidade. Em suma: o mundo não é ordenado, mas as ordens criam mundos.

Tudo isto que acabo de dizer com palavras as mais fáceis é de captação muito difícil. Exige um enorme esforço de pensamento. E não é imaginável. Não podemos imaginar como a explicação cria o explicado. Vivemos atualmente em mundo inimaginável. Isto acontece, porque com todas as nossas raízes estamos ancorados no chão do passado. Tudo que acabo de dizer contradiz o senso comum, que é o senso do passado. No entanto, o enorme esforço de pensamento é necessário, porque não há outra saída. Ou transferimos o nosso interesse para a estrutura do mundo, (para a sua "ordem"), e abrimos mão do seu ser, (da sua "substância"), ou mergulhamos no caos do absurdo. E esta sua estrutura, essa sua "ordem" que interessa no mundo, essas múltiplas explicações que lançamos e dentro das quais vivemos, são os diversos discursos dos quais participamos. É a língua que é a estrutura do mundo, e é pela ordem da língua que o mundo se realiza. O mundo é um livro que está sendo escrito por nós, na medida na qual falamos. O mundo é produto de um tipo curioso de literatura. É por isto que submeto este artigo ao "Suplemento Literário", embora confesse que a sua compreensão é um tanto difícil. Creio que este artigo trata das raízes mesmas daquilo que chamamos "literatura".

As múltiplas explicações que fornecemos do mundo são múltiplas articulações da língua, de acordo com regras divergentes. A explicação poética cria um mundo de acordo com determinadas regras linguísticas, a explicação moral cria outro, e a explicação física cria mais outro. Essas diversas explicações, (essas diversas "teorias"), são traduzíveis entre si, pelo menos em parte. A possibilidade de traduções faz com que os diversos discursos possam ser reunidos numa única conversação geral gigantesca. Essa conversação geral é a circunstância dentro da qual vivemos, e seu assunto é o mundo. Ser assunto da conversação, eis a realidade do mundo. Por ser o mundo assunto de uma conversação ordena-

VILÉM FLUSSER

da, é o mundo uma "realidade ordenada". Querer portanto distinguir entre explicações do mundo mais ou menos "adequadas" é pura temeridade. Mas esta descoberta, tão típica da atualidade, esta descoberta digamos camusiana, não nos lança necessariamente no desespero do ceticismo e agnosticismo. Porque o conhecimento deixou de ser uma descoberta, para passar a ser uma atividade realizadora. Não somos descobridores, mas inventores do mundo. E o fato de serem todas as invenções chamadas "explicações" equivalentes, não implica na "falsidade". Creio que este novo tipo de epistemologia que é consequência de uma filosofia da língua supera os problemas do conhecimento que afligiam o passado. Creio que abre novos horizontes.

Devo ainda explicar o motivo do presente artigo. Já publiquei no passado toda uma série de considerações em torno desta cosmovisão, inclusive neste "Suplemento". Não digo que se trata de um assunto não discutido anteriormente pelos intelectuais brasileiros. Mas creio que meus artigos contribuíram para que essa discussão se amplie e adquira uma virulência nova. Interrompi a discussão, porque não quis abusar da paciência dos leitores. Infelizmente vejo pelas reações que recebo que as minhas exposições careciam de clareza em alguns pontos fundamentais, o que deu origem a uma série de malentendidos. O presente artigo procure retificar algumas dessas minhas falhas.